

TRADUÇÃO COMO RESISTÊNCIA: ENTREVISTA COM JANA BIANCHI

Monica Stefani

Universidade Federal de Santa Maria

Amanda da Silva Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Este artigo apresenta uma entrevista realizada com a tradutora brasileira Jana Bianchi. Nesta oportunidade, ela conta como se deu o início de sua carreira no mundo da tradução profissional, mas principalmente sua experiência de trabalhar com o texto do romance *Língua Nativa*, de Suzette Haden Elgin, lançado em 1984 e publicado em 2023 pela editora Aleph em primeira tradução para o português brasileiro. Por seu conteúdo metalinguístico e revolucionário, pertencente ao gênero ficção científica, valorizamos que a escolha da editora Aleph tenha sido por uma mulher para atuar como tradutora da referida obra. Além disso, Jana Bianchi fornece informações importantes para quem está pensando em ingressar na área, revelando os desafios e as alegrias que advêm dessa profissão.

Palavras-chave: Tradução literária; Ficção científica; Mulheres na tradução.

Abstract

This paper presents an interview carried out with the Brazilian translator Jana Bianchi. In this opportunity, she tells how she began her career in the field of professional translation, but mainly her experience of dealing with the text of the novel *Native Tongue*, by Suzette Haden Elgin, launched in 1984 and published in 2023 by the publisher Aleph in a first translation into Brazilian Portuguese. Because of its metalinguistic and revolutionary content, belonging to the sci-fi genre, we value the choice of a woman to translate the aforementioned novel. Additionally, Jana Bianchi offers valuable information to whoever wants to start working in the area, revealing the challenges and joys that come with this profession.

Keywords: Literary translation; Science fiction; Women in translation.

A autora Jana Bianchi é formada em engenharia de alimentos pela Unicamp e, após anos de atuação nessa área, “resolveu assumir como carreira a paixão pela literatura”¹. A tradutora diz o seguinte a respeito de sua atividade atual: “passo o dia cercada de algumas das coisas que mais amo no mundo — histórias de fantasia, ficção científica, horror e outros sabores do insólito em suas várias formas e línguas”².

¹ Disponível em: <https://janabianchi.com.br/>. Acesso em 02 abr. 2024.

² Disponível em: <https://janabianchi.com.br/>. Acesso em 02 abr. 2024.

Tivemos conhecimento do trabalho de tradução de Jana ao nos depararmos com a recente edição da obra *Língua Nativa*, de Suzette Haden Elgin, publicada pela editora Aleph, em 2023. O projeto gráfico da editora contempla obras de ficção científica e, neste caso específico, chamou nossa atenção por ser um texto de uma mulher escrevendo esse gênero, que, apesar de ter seu início atribuído a Mary Shelley (com *Frankenstein* em 1818), costuma estar associado, principalmente na sua consolidação no século XX, a expoentes masculinos, como George Orwell, H. G. Wells, Ray Bradbury, Aldous Huxley, Jules Verne, entre outros. Assim, a escolha de uma escritora trabalhar com um gênero costumeiramente atrelado a escritores já indica uma forma de resistência interessante, que repercute posteriormente nas próprias decisões de publicação em tradução em outros países, o que nos traz a este contexto. Originalmente lançado em 1984, com o título de *Native Tongue*, a obra, contemporânea de outros textos clássicos, como *O conto da Aia*, de Margaret Atwood, e o ano de publicação ser a referência do famoso *1984*, de George Orwell, despertou o interesse dessas duas pesquisadoras de literaturas estrangeiras e escrita de mulheres.

Após a leitura da obra na língua original, ficamos impactadas com a tradução de Jana, principalmente no que tange aos principais desafios da tradução: entender a metalinguagem da obra, na relação entre o texto de partida, e seus pressupostos e contextos da época, com o texto de chegada, e seus resultados e recepção, no contexto contemporâneo. O que significa ler um texto de ficção científica de 1984 no ano de 2023? O que ele ainda prenuncia? O que ainda faz sentido? O que dele está anacronicamente descontextualizado?

Infelizmente, no que se refere às questões próprias do(s) feminismo(s) e de gênero, nós mulheres ainda estamos em constante *defasagem contextual*, se é que podemos definir dessa maneira as inúmeras e diversas formas de desigualdades sociais, políticas, econômicas, culturais — e linguísticas, que são nosso cerne no presente trabalho. A obra *Língua nativa*, de 1984, se passa nos séculos XXII e XXIII, entre 2179 e 2212; é esse futuro distópico que se realiza na vida da personagem principal Nazareth Chornyak e das mulheres linguistas, cujas funções sociais estão subordinadas às traduções das milhares de línguas estrangeiras humanas e não humanas e da exploração de seus corpos, dando origem a inúmeros outros linguistas.

Para o conhecimento do público brasileiro, o trabalho de Jana brinda os leitores de língua portuguesa com um texto atual, com uma tradução igualmente original, voltado à heterogeneidade recepcional. No bate-papo que tivemos com a autora, conversamos sobre o

processo de tradução da obra e as intencionalidades de receptividade. Apresentamos às pessoas leitoras o resultado desse trabalho nas linhas que seguem.

1) AUTORAS (A): Qual é sua formação? A tradução sempre fez parte do seu cotidiano?

Jana Bianchi (JB): Então, por mais doido que pareça, sou formada em Engenharia de Alimentos — e atuei seis anos na área. Tradução só começou a fazer parte do meu cotidiano depois que me estabeleci na área; no entanto, a literatura e a escrita em português (que considero a minha principal ferramenta como tradutora) são constantes na minha vida desde sempre. A escolha de estudar tradução e depois de, enfim, tentar uma carreira na área surgiu de forma meio natural quando compreendi que eu gostaria de trabalhar com literatura de forma financeiramente sustentável. Assim, na metade de 2017, larguei meu emprego numa grande multinacional e embarquei numa transição de carreira — que já vinha sendo planejada ao longo dos dois anos anteriores, durante os quais refleti muito sobre alternativas e possibilidades até decidir que seria razoável dar esse passo.

2) A.: Há quanto tempo você trabalha com tradução? Você se imaginava trabalhando nessa área?

JB: Peguei meus primeiros trabalhos de serviços editoriais em 2018, mas considero que foi na metade de 2019 que me estabeleci como tradutora a ponto de pagar todas as minhas contas com frilas. E, nossa, trabalhar com tradução demorou até me ocorrer como possibilidade — quando isso aconteceu, porém, fez todo o sentido do mundo. Acho que uma das coisas que me fez demorar para cogitar a vida como tradutora (além do emprego na multinacional que mencionei, do qual eu gostava bastante) foi o fato de que aprendi a falar inglês muito tarde — aos dezoito anos, quase, e justamente para poder ler livros que ainda não tinham sido traduzidos. Por um bom tempo tive uma relação tumultuada de amor e ódio com a língua, então só criei confiança com meu inglês a ponto de envolver o idioma no meu trabalho depois de fazer um intercâmbio universitário e trabalhar por anos com equipes estrangeiras na multinacional sobre a qual comentei.

3) A.: Você trabalha mais com tradução literária ou com tradução técnica? Com qual das duas você prefere trabalhar?

JB: Trabalho exclusivamente com tradução literária — de livros, histórias em quadrinhos, RPGs e jogos de tabuleiro. A tradução de jogos tem alguns aspectos que a fazem lembrar um pouco a tradução técnica (quando trabalhamos com a parte mais explicativa do manual ou de cartas, por exemplo), mas os únicos textos de não ficção que traduzi foi um artigo com o qual trabalhei de forma voluntária logo no começo da carreira (para construir portfólio) e um artigo do *The Guardian* que Margaret Atwood escreveu a respeito do livro *Fahrenheit 451*, que saiu como paratexto na edição especial do livro publicada no Brasil pela Biblioteca Azul. E amo isso, porque literatura é minha vida!

4) A.: Com quantos idiomas você trabalha?

JB: Traduzo do inglês para o português e do espanhol para o português. Muito de vez em quando faço versão de textos do português para o inglês — mas, embora eu escreva obras autorais direto em inglês, prefiro trabalhar com o português como língua de chegada.

5) A.: Como foi seu início na área? Complicado? Fácil?

JB: Considero que meu começo de carreira foi uma conjunção de curiosidade, proatividade e sorte de estar no lugar certo e falar com as pessoas certas na hora certa. Como já tinha uma relação forte com literatura (além de ser autora, fui editora de uma revista e *cohostess* de um *podcast* de escrita), várias pessoas dentro do mercado literário sabiam do meu contato com a fantasia e a ficção científica; por causa disso, uma colega e professora me indicou para meu primeiro trabalho — um livro de *Dungeons & Dragons*. Como sabia que era importante padronizar termos do universo, cujos livros principais eram publicados por outra editora, entrei em contato com a empresa responsável pela publicação do RPG — sem querer, isso me abriu portas por lá, e peguei meus primeiros trabalhos de jogos de tabuleiro. Um conhecido das redes sociais que fez um curso de tradução junto comigo me chamou para traduzir minha primeira história em quadrinhos para a editora dele, que tinha acabado de nascer; nessa mesma época, comecei a pedir vários testes de tradução em editoras que eu

admirava. Assim, aos poucos e através de muitas frentes, fui construindo minha cartela de clientes. Não classifico meu começo como complicado, mas ele tampouco foi rápido — demorei pelo menos um ano para me estabelecer na área a ponto de conseguir pagar todas as contas e poder começar a escolher trabalhos mais alinhados com meus gostos (e com uma agenda mais tranquila). Vale dizer também que hoje, apesar de me considerar bem estabelecida na área, sigo prospectando clientes diferentes e ainda tenho editoras com as quais sonho trabalhar.

6) A.: Qual é sua visão, hoje, da tradução? Como você definiria essa atividade?

JB: Sou apaixonada por tradução. Sempre amei literatura, audiovisual, jogos e afins — e, como mencionei, só fui aprender a falar uma segunda língua depois de adulta. Então sinto uma gratidão imensa por esse gesto lindo que é tornar obras acessíveis a pessoas que, caso contrário, jamais teriam contato com universos inteiros. Infelizmente, também vejo a tradução como uma atividade bem desvalorizada e invisibilizada — principalmente fora do meio; mesmo dentro do mercado literário, porém, ainda tem gente (e até editoras) que não se dá ao trabalho sequer de mencionar quem traduziu determinada obra ao falar sobre ela. Ainda assim, eu não trocaria minha carreira como tradutora por nada.

7) A.: Você observa questões de gênero no seu trabalho com tradução (por exemplo, relações profissionais com editoras ou mesmo em outras funções que fazem parte da cadeia de produção de uma tradução — entre profissionais na preparação de originais, na revisão)?

JB: Felizmente, apesar de saber que o meio da literatura tem questões bem complicadas de disparidade de gênero, só tenho experiências boas nesse quesito. Trabalho majoritariamente com editoras, preparadoras e revisoras mulheres, traduzo e vejo colegas mulheres ou pessoas não binárias trabalhando com gêneros lidos como masculinos (como por exemplo ficção científica e horror). Até onde sei, colegas homens recebem valores de lauda iguais ou similares ao de colegas mulheres — quando muito, a experiência da pessoa que traduz é o que determina maior diferença no pagamento entre profissionais diferentes. Claro que noto algumas questões — como, por exemplo, o fato de que, na tradução da literatura dita literária, há uma

predominância de tradutores homens, em particular os reconhecidos e premiados. No entanto, esse é um círculo que observo praticamente só como leitora, então eu não diria que é uma questão com a qual tenho contato direto enquanto trabalho.

- 8) A.: Especificamente em relação ao romance *Língua nativa*, você poderia nos contar um pouco mais sobre como foi o processo de produção? Como se deu a ideia de traduzi-lo? Como foi seu contato com a obra da autora, Suzette Haden Elgin? Você já tinha lido alguma coisa dela? Já tinha ouvido falar dela?**

JB: Para a minha alegria, foi a editora Aleph que entrou em contato já me convidando a traduzir *Língua nativa* — na época, eu tinha feito um teste de tradução para eles, que curtiram meu trabalho e prometeram voltar com uma proposta em breve. Eu não conhecia a fundo nem o livro, nem a autora, mas já tinha ouvido falar sobre a *láadan* (a língua mulheril apresentada na história). Quando a editora me passou a premissa do projeto, fiquei eufórica — uma ficção científica feminista com linguistas como protagonistas, alienígenas e questões sociais não poderia ser mais minha cara.

- 9) A.: Quanto tempo você levou para finalizar a tradução de *Língua nativa*?**

JB: Passei aproximadamente três meses corridos com *Língua nativa*. Como sou meio *control freak*, tenho um registro de metas diárias de todos os projetos desde que comecei; fui conferir aqui e trabalhei pouco mais de trinta dias com a tradução, mais sete dias revisando o texto.

- 10) A.: Quais foram os desafios que você observou ao traduzir o texto? Há trechos específicos, ou decisões delicadas, que você precisou tomar (sabemos que o conteúdo do livro, em algumas partes, parece-nos um tanto chocante, principalmente em relação à descrição da rotina dos bebês!)?**

JB: Digerir a história com certeza foi um aspecto bem complicado do trabalho — além da descrição dos experimentos com os bebês, toda a questão da opressão às mulheres e a outras minorias me afetou muito. Lembro de já ficar muito impactada com a primeira cena, que narra um grupo de homens falando sobre uma mulher com câncer de forma cruel e cheia de descaso. À parte essa dificuldade mais “psicológica”, o projeto também apresentou alguns desafios técnicos: primeiro, tanto as principais

personagens da história quanto a autora Suzette Haden Elgin são linguistas; assim, naturalmente o livro apresenta alguns trechos com vocabulário e explicações bem técnicas da linguística como ciência, e precisei tomar todo o cuidado para manter a tradução o mais correta possível (considerando que *eu* não sou linguista). Outra complicação foi me conter para não usar uma linguagem mais neutra ou tomar decisões tradutórias mais inclusivas — o original é deliberadamente dotado de preconceitos e marcas de opressão nas descrições e no vocabulário, então tive que ir contra minha tendência natural (que seria buscar sempre a solução mais diversa) para não causar anacronias ou “corrigir” discursos moralmente incorretos que foram inseridos intencionalmente na história.

11) A.: Qual foi o trabalho de tradução mais difícil que você já fez? *Língua nativa* faria parte dessa lista?

JB: Por conta de todos esses desafios já mencionados, *Língua nativa* com certeza aparece na minha lista de traduções mais difíceis. Outra obra que me deu muito trabalho foi *O último homem*, de Mary Shelley, que traduzi para a Plutão — foi bem difícil lidar com o inglês antigo, com algumas referências mais obscuras e com a temática da (longuíssima) história: trabalhei nesse livro bem no auge da pandemia, e a história é sobre como o mundo sucumbe a uma praga respiratória, risos. Outra tradução que me deu bastante trabalho (proporcional à diversão, porém) foi *Wicked*, de Gregory Maguire, que vai ser publicada em breve pela DarkSide. A prosa do original é muito rica, e a história apresenta lugares, animais e outros elementos específicos do universo que exigiram traduções criativas.

12) A.: O que você, como leitora, achou do livro *Língua nativa*? Você tinha expectativas? Se sim, elas foram superadas?

JB: Nossa, eu achei incrível! Como comentei, a premissa me conquistou de cara, e com certeza criei muitas expectativas. Apesar de o livro ter se mostrado muito diferente do que eu imaginava, elas sem dúvida foram superadas — a parte linguística e principalmente a relação entre as personagens mulheres me arrebataram. Minha única ressalva é que senti falta de ver mais interações entre linguistas e alienígenas, porque sou curiosa; espero que isso seja abordado nos próximos volumes.

13) A.: Ao que nos consta, *Língua nativa* faz parte de uma trilogia. Logo, fica a pergunta: já há alguma movimentação em relação à tradução dos demais romances? Você poderia nos adiantar alguma coisa?

JB: Ainda não comecei a trabalhar nos próximos volumes, e, infelizmente, não tenho informações privilegiadas! No entanto, já vi a editora falar publicamente que a Aleph tem a intenção de publicar o resto da trilogia, embora ainda não haja previsão para o lançamento.

14) A.: Qual é seu livro preferido?

JB: Que pergunta complicada! Acho que tenho livros favoritos para fases diferentes da vida, então vou falar de um dos meus últimos queridinhos: *Uma longa viagem a um pequeno planeta hostil*, de Becky Chambers (tradução para a DarkSide: Flora Pinheiro), que li em 2017. O universo é incrível, os personagens são muito bem trabalhados, a prosa é bonita. É um livro que eu adoraria ter escrito! Recomendo tudo que a Becky Chambers escreve. Aliás, já puxando a sardinha para a tradução, sugiro que as pessoas interessadas no ofício deem uma conferida na tradução de Fábio Fernandes para outra obra da Becky, que saiu aqui pela Morro Branco como *Salmo para um robô peregrino* — o protagonista do livro é uma pessoa não binária que usa o pronome “they”, e sei que o Fábio precisou fazer alguns malabarismos para manter a narrativa o mais neutra possível em termos de gênero (com uso de neopronomes, inclusive).

15) A.: Se você pudesse dar algum conselho para quem está (ou pretende iniciar) na atividade de tradução, qual seria?

JB: Sempre que alguém me pede dicas para começar, listo as mesmas coisas: estude tradução, aperfeiçoe sua escrita em português (que vai ser sua principal ferramenta de trabalho, mais do que qualquer língua de partida), tenha muita curiosidade e vá ativamente atrás do que você quer. Desenvolvendo melhor o último tópico: muitos trabalhos que peguei foram resultado de contatos que estabeleci espontaneamente com editoras, pedindo testes ou mesmo conhecendo pessoas em eventos e nas redes sociais. Não é uma questão de simplesmente pedir trabalho nas editoras, e sim de

estabelecer laços reais com pessoas do mercado que, no futuro, podem se converter de forma mais natural e orgânica em parcerias profissionais. Outra dica que dou para todo mundo que trabalha com tradução, independentemente da experiência, é: se for atrasar algum serviço, avise o quanto antes e com tanta honestidade quanto possível. Muitas vezes, só de avisar antes que o prazo original é insuficiente você já resolve metade dos problemas gerados por um potencial atraso.